



«Para que todos os cidadãos estejam em condições de desempenhar a sua missão na vida da comunidade política, deve cuidar-se muito da educação cívica e política; ela é particularmente necessária hoje tanto para o conjunto dos povos como, e sobretudo, para os jovens. Aqueles que são ou podem tornar-se capazes de exercer a arte muito difícil, mas ao mesmo tempo muito nobre, da política, devem preparar-se para ela com zelo, sem se preocuparem com o seu interesse pessoal nem com as suas vantagens materiais. Lutarão com in-

didias. Sabe Deus de que modo e com que seriedade. Examinemos o texto.

a) Há uma relação íntima entre fé cristã e vida política. Enganam-se os que as separam. Nem Céu sem Terra nem Terra sem Céu. Os que se dizem crentes, mas nada fazem pela melhoria das coisas do mundo, adormecidos e enconchados, «põem em perigo a sua salvação eterna ao desprezar a sorte dos seus irmãos». Sofrem do que poderíamos chamar «Angelismo».

Do lado oposto há certos crentes, e sobretudo

EDUCAÇÃO POLÍTICA

tegridade e prudência contra a injustiça e a opressão, contra o absolutismo e a intolerância, quer sejam obra dum homem só ou dum partido político; e consagrar-se-ão ao bem de todos com sinceridade e rectidão, mas ainda, com o amor e a coragem exigidos pela vida política.

...O homem não está confinado somente à ordem temporal, mas, vivendo na história humana, guarda integralmente a sua vocação eterna.

...O Concílio exorta os cristãos a cumprir os seus deveres temporais, deixando-se guiar pelo espírito do Evangelho. Afastam-se da verdade aqueles que, pretextando que não temos aqui (no mundo) vida permanente, pois demandamos o futuro, crêem poder, por isso mesmo, descurar as suas tarefas temporais, sem se darem conta de que a própria fé os obriga a mais perfeito cumprimento delas. Mas não se enganam menos aqueles que, ao invés, crêem poder entregar-se inteiramente a actividades terrenas, como se elas fossem totalmente alheias à vida religiosa, pensando que esta se reduz apenas a alguns actos de culto e ao cumprimento de determinadas obrigações morais».

Concílio Vaticano II
G. et Spes

Este texto faz parte de um documento escrito já em 7-12-1965. Infelizmente, por culpa de muitos, não se fez a tal educação, nem dos adultos nem dos jovens. E assim aconteceu que alguns, desesperados, procuraram uma formação política às escondidas.

descrentes, tão agarrados à vida material que desprezam a vida religiosa como inútil, prejudicial, ou indiferente à vida temporal. Caem no chamado terrenismo, só terra. De todos os terrenismos, o pior é o marxismo de que falarei logo, nas ideologias. Continuemos.

b) a vida política é uma coisa nobre, não pode ser vista como uma brincadeira; mas é também difícil, não se aprende aos gritos, aos insultos, em multidões falsamente unidas porque não esclarecidas. Exige preparação e acção.

c) A vida política não é lugar para chupar os outros nem para vinganças pessoais ou de grupos. É «uma maneira de praticar a caridade», é um serviço à comunidade, e quem não tiver «consciência e competência», bom coração e boa cabeça, não pode ocupar cargos políticos. Tanto os interessellos como os azedos devem ser afastados.

d) A vida social exige autoridade e cidadãos organizados em grupos vários. O grupo fundamental é a família. Ao lado dela, há outros grupos: clubes, sindicatos, grémios, escolas, associações recreativas, religiosas, etc.

Quando a autoridade máxima é escolhida pelos cidadãos, e estes podem falar, criticar, dar sugestões, mesmo aqueles que votaram contra, sabendo que há sempre oportunidade de ser eleito, isto chama-se genericamente Democracia, governo do povo, feito pelo povo e para o povo.

Quando um só homem impõe a sua vontade, ou um só partido governa como única força, esta-

IDEOLOGIAS

(Continuado da pág. 4)

intimidar o adversário, apresentar-se com tal coragem como se tivesse a vitória antecipada, aliar-se a outros partidos, fazer publicidade das suas vítimas (escondendo as que eles causaram), dividir os seus membros por várias agremiações, guardar sigilo absoluto e só dizer o que os chefes consentirem.

O leitor veja se estas regras têm sido praticadas por eles entre nós.

Capitalismo — é uma doutrina ainda mais antiga que o marxismo. Propõe como fim primordial da vida o lucro económico. Como para o marxismo, a economia é tudo, mas de modo oposto: no marxismo, o único capitalista é o Estado; aqui são os particulares. Os bens de cada um são exclusivamente dele e pode fazer deles o que quiser. Deste modo o dinheiro é um fermento: os ricos serão cada vez mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres, como censura Paulo VI. E o Estado que faz? Quase nada. Diante desses capitalistas, limita-se a receber alguns impostos e alguns benefícios sociais. Em Portugal havia este sistema.

Este sistema é tão desumano e anti-cristão como o marxismo. Desprezam ambos o amor do próximo e o sentido social dos bens naturais. A Igreja condenou os dois.

Liberalismo — é uma doutrina que, em resumo, diz para cada um se arranjar como quiser. Diz defender a liberdade total de cada um. O Estado não seria director nem travão; vigiaria somente que não houvesse guerras na rua.

Como se vê, a pretexto de exaltar a liberdade de cada um, esta doutrina favorece os grandes e os fortes que esmagam os fracos. Foi esta teoria que gerou o capitalismo, que permite a organização de sociedades económicas internacionais que tudo controlam.

A Igreja também reprovou esta doutrina, pois favorece demais a liberdade do indivíduo, despertando o egoísmo. O Estado tem de ser mais forte.

Socialismo — é uma doutrina que procura levar as pessoas a pensar no bem comum e não somente no bem de cada um. Não há só um socialismo, há vários. E aqui reside o risco destas doutrinas. São um pouco como a lua: têm muitas caras e não se sabe bem onde vão levar. É necessário «fazer um esforço de discernimento», lembram os Bispos.

O Socialismo preocupa-se tanto com o bem comum que esquece facilmente o respeito pela pessoa humana. O marxismo apresenta-se como um socialismo, o chamado socialismo científico. (É esta maneira de se esconder que seduz e ilude muita gente).

Entre nós, o socialismo, pelas declarações escritas e orais dos seus representantes oficiais, anda ligado ao marxismo. Prevendo o choque que provocará nos cidadãos, apresentam uma distinção muito em voga hoje. Dizem não seguir o marxismo como filosofia, mas somente como método de análise histórica das sociedades.

Que pensar disto?

Os bispos do Chile num extenso e profundo documento sobre o Socialismo, publicado em 1971, advertem que tal distinção não evita o naturalismo, o economismo marxista, e estamos na mesma: essa maneira de analisar a vida do homem é absolutamente errada. Mesmo com tal distinção, socialismo marxizado é incompatível com a fé cristã. Eu sei que entre nós, há quem defenda o contrário. Mas decerto não querem ter a autoridade para orientar a fé católica...

De resto, como diz o chileno Langlois num belo trabalho, só os cristãos fazem tais distinções; os marxistas continuam a dizer-se materialistas... e a aproveitar as boas graças desses cristãos. Talvez estes ignorem o que é o cristianismo a sério, ou o marxismo, ou até as duas coisas.

Portanto, se haver um socialismo sem nada de marxismo, seria um socialismo humano. Mas aqui reside o problema. «Só depois de uma análise cuidada se pode estabelecer o grau de compromisso possível com essa causa».

Movimento Religioso

EM ABRIL, MAIO, JUNHO E JULHO

BAPTISMOS

7 de Abril — Célia Maria Viana Loureiro, filha de António João Neto Loureiro e de Maria Goreti Viana Eiras, residentes na Av. 5 de Outubro, 4.

14 — Patrícia Carla Ramalhete de Almeida Miquelino, filha de António de Almeida Miquelino e de D. Maria Emília Sousa Ramalhete.

21 — Paula Cristina Moreira Carvalho Ferreira, filha de Carlos Pedro Carvalho Ferreira Júnior e de Maria da Glória Laranjeira Moreira, residentes na rua Dr. Trigo de Negreiros, 14.

28 — Maria José Silva de Sousa, filha de António de Sousa e de Maria Manuela Ferreira da Silva, residentes na rua José Alpoim, 6.

5 de Maio — Marco Paulo de Faria Campos Ferreira, filho de Eugénio de Campos Ferreira e de Maria Irene de Faria Rodrigues Novo, residentes no Bairro Social.

12 — Maria da Saúde Mações Viana, filha de Rufino Morgado Viana e de Laurinda Ramos Mações, residentes na rua João de Freitas, 9.

26 — Joel Filipe Braga Maciel, filho de Carlos de Lima Maciel e de Maria de Jesus Braga Pereira, residentes no Bairro Social.

— Francisco Alexandre do Rosário Lópo, filho de Francisco Manuel Vasconcelos Lópo e de Maria Madalena da Silva do Rosário, residentes no Largo do Pelourinho, 14.

1 de Junho — Mónica Maria Dias Cardoso, filha de Alberto Sérgio Cardoso de Sousa e de Maria Carminda da Quinta Dias, residentes na rua Narciso Ferreira, 3.

16 — António de Sousa Alves da Quinta, filho de António Alves da Quinta e de Maria Emília Mi-

(Continua na pág. 3)

EDUCAÇÃO POLÍTICA

(Continuado da pág. 1)

mos numa situação abusiva, diz o Concílio. Os nomes técnicos para tais situações são ditadura, despotismo, absolutismo, totalitarismo. Frequentemente chama-se Fascismo, palavra derivada de fascis ou feixe que tanto significa a união de todos em volta do chefe, como o chicote que os romanos usavam para castigar os rebeldes. O Fascismo nasceu na Itália.

Mas o governo de ditadura abusiva, é mais geral. Vigorou na Itália, na Alemanha, em Portugal, e ainda vigora em todos os países comunistas. E não há pior Fascismo que o Comunismo. Em todos esses regimes há polícia secreta (na Itália era a OVRA; na Alemanha era a Gestapo, em Portugal

a Pide, na Rússia é a N.K.V.D.); há prisões especiais, campos de concentração, etc Métodos desumanos. Há mesmo um Comitê Internacional para saber o que se passa nas prisões russas.

e) Para evitar essas ditaduras de qualquer marca, é necessário cada pessoa ganhar maturidade humana e política, e associar-se.

As ditaduras nunca querem associações de espécie nenhuma feitas pelos cidadãos. Só querem as do Estado, que organiza tudo e controla tudo. Foi assim no ocidente e é assim no Oriente; nem partidos, nem sindicatos, nem grupos crentes, nem greve, nem imprensa livre, nem rádio particular.

Como se vê a ditadura cria ordem mas é uma ordem forçada.

f) Outros, sem defenderem a ditadura, dão importância demasiada ao Estado e isto é um perigo. Daí à ditadura pouco vai. O Concílio alerta-nos.

«Os governantes abstenham-se de obstacular as associações familiares, sociais e culturais, os corpos e instituições intermédias, ou de impedir as suas actividades legítimas e eficazes, antes, pelo contrário, de boa mente as favoreçam dentro da ordem.

Os cidadãos, por sua vez, individualmente ou em grupos, procurem não atribuir excessivo poder à autoridade pública, nem exijam dela intempestivamente auxílios e vantagens sem medidas, com risco de diminuírem a responsabilidade dos indivíduos, das famílias e das instituições» — G. et Spes 75.

g) Por fim, a vida política exige coragem. Nunca se chega ao óptimo; há que recomeçar sempre. Nunca se agarrar aos louros passados como pretexto para não avançar, dizia João XXIII, mas houve quem se regozijasse com o bem feito para se justificar. Depois, há que saber sair a tempo do cargo político. Saber sair é uma maneira de servir. É ainda o Papa João XXIII quem o diz: as autoridades públicas não devem permanecer muito tempo nesses lugares. Perde-se imaginação, espirito criador e responsabilidade (Pacem in Terris). Finalmente, há quem insulte, exagere, grite. Há que ter ossos e aguentar.

h) Para terminar, o bom chefe prepara sucessor e colaboradores. Dialoga, lança-os. O chefe não é o que faz mas o que faz fazer. Quando se não preparam chefes, em qualquer sector, fálhou-se.

Movimento Religioso

(Continuado da pág. 2)

randa de Sousa, residentes no Largo Sacadura Cabral.

— Maria Helena Marques Nunes da Silva, filha de José Maria de Sousa Nunes da Silva e de Maria Goreti Vareiro Marques, residentes na Travessa dos Pescadores, 10.

30 — Manuel António de Barros Nibra, filho de Manuel Pinto de Jesus Nibra e de Maria José de Barros, residentes na rua Conde de Castro.

7 de Julho — João Pedro Marques Miquelino, filho de Dimas de Sousa Alves Miquelino e de Maria Cândida Vareiro Marques, residentes na Travessa dos Pescadores.

14 — Branca Rosa Vassalo de Barros, filha de José Alfredo Lima Barros e de Palmira Vassalo de Lima Barros, residentes na rua 31 de Janeiro, 23

21 — Sandra de Jesus Torres Carlos, filha de Joaquim Palmeiro Carlos e de Maria José Torres Casais, residentes na rua do Nogueira, 31.

CASAMENTOS

20 de Abril — José Manuel Pedrosa Rua, filho de António Maria Rua e de D. Maria Emília Pedrosa, com Maria Teresa Losa de Oliveira, filha de António Martins de Oliveira e de D. Maria Ermelinda Gonçalves Losa Carvalho de Oliveira.

2 de Junho — João de Lemos, filho de Maria de Lemos, com Maria das Dores Vareiro Marques, filha de Anselmo Francisco Marques e de Cristina Rodrigues Vareiro.

28 de Julho — António da Fonseca Moreira Machado, filho de Agostinho Moreira Machado e de Maria Martins da Fonseca, com Maria de Fátima de Almeida Elras, filha de Alfredo Barbosa Elras e de Odete Pires de Almeida.

A todos apresentamos votos de felicidades.

ÓBITOS

9 de Maio — Prazeres André Ilá, de 74 anos de idade, viúva, doméstica, natural desta vila, onde era residente.

13 — Porfírio Gomes Moreira, de 58 anos de idade, casado com D. Laurinda Morais da Costa

Pinho, residente nesta vila e natural de Vila Cova — Barcelos, onde fora sepultado.

11 de Julho — Jaime Herculano Tavares Ferreira, de 54 anos de idade, casado com Marília Amélia Ferreira, natural desta vila, onde era residente em gozo de férias, como emigrante nos Estados Unidos da América.

16 — Olga Fernandes de Faria, de 61 anos de idade, casada com José Inácio Terra de Sá, doméstica, natural de Esposende, onde era residente.

23 — Armando Passos da Graça, de 67 anos de idade, casado, marítimo, natural desta vila e residente em Vila do Conde.

As famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

IDEOLOGIAS

Na sua pastoral os nossos Bispos chamam a atenção para as ideologias e os programas dos partidos.

O programa é aquilo que se propõe fazer se um dia chegarem ao poder de governar. A ideologia é o conjunto de princípios doutrinários, filosóficos, religiosos, culturais, que estão por detrás de qualquer partido. Enquanto nos programas são muito generosos e abertos, ao falarem da sua ideologia são reservados e cautelosos. Convém fixarmo-nos mais na ideologia do que no programa. Compreende-se.

As ideologias que os nossos bispos comentam são o marxismo, o socialismo, o capitalismo e o liberalismo.

Marxismo. Vários partidos, entre nós, dizem seguir esta doutrina. Trata-se de uma doutrina subtil, complexa e habilidosa, conseguindo iludir muita gente. Não entrarei aqui em pormenores históricos e filosóficos. Direi o que pastoralmente interessa, mas sem falsidade.

No marxismo, há a parte doutrinária e há a parte de tática, muito ligadas entre si.

1—O nome desta doutrina vem de Marx, judeu alemão, que deu início a essa doutrina. Foi depois trabalhada por Engels, inglês, e organizada pelos russos Lenine, Estaline, e ultimamente, por muita gente.

Fundamentalmente, segundo esta doutrina, a vida do homem reduz-se à Terra. É um terrenismo. Não há outra vida, nem Deus, nem alma, nem Céus, nada. Não convém sequer pensar nisso. (Por isso os marxistas não gostam que se fale da morte, nem em romances nem nada; podia acordar a ideia da outra vida). O que interessa é arrumar este mundo da melhor maneira e, nesse sentido, só interessa trabalhar. O verdadeiro trabalhador é o operário, sobretudo das fábricas. É o que mais facilmente se pode materializar. (Repare-se que não é o amor ao operário que leva os marxistas a esta busca: é por ser o que melhor se leva. A seguir a esses, são os estudantes novos, idealistas, bem intencionados).

O que pretendem? No aspecto económico, acabar com todos os bens particulares para concentrar tudo nas mãos do Estado. E, se puderem, acabar mesmo com os governos próprios de algumas Nações, para serem todos dirigidos pela Rússia a que chamam a «pátria de todos os trabalhadores». O que mais se opõe a isso são a família, as autarquias locais, a propriedade privada, o Exército, a Pátria. Por isso combaterão tudo isto ou procurarão conquistá-las. Para entusiasmar, têm mesmo um hino, a Internacional. O «Avante, camaradas» — que se canta por aí em vez do Hino Nacional, tem o mesmo significado.

Apetece perguntar: como se acredita em tais coisas? Sem ir mais longe, havia no tempo de Marx muitos abusos e muita miséria. Naturalmente, o desespero faz isto. Ainda hoje o comunismo «só entra em pessoas miseráveis ou revoltadas ou frustradas nos seus idealismos.»

No aspecto religioso, como já disse, o marxismo vê na religião o maior inimigo. Sendo ele um terrenismo, naturalmente vê na religião uma doença: quer fazer esquecer a Eternidade. Procura acabar com a vida religiosa, mas faz isso com muito jeito.

2—Quanto a tática a usar, tem os seus segredos.

Os marxistas sabem que, se dissessem tudo, ninguém os acreditaria. Por isso, como mandou Lenine, o Partido «seja hábil em aprender a mentalidade das massas e influenciá-las»; e Estaline dizia: «a estratégia muda cada vez que a revolução passa duma fase a outra; a tática pode variar por vezes, conforme os fluxos ou refluxos, conforme a revolução esteja no começo ou no declínio». Uma coisa é a fase pré-eleitoral, outra a campanha, outra depois de obter o poder, ensina Sommet. Por exemplo, Lenine, em 1909, dizia para não atacar a religião do povo russo, mas em 1917, quando chegaram ao poder, perseguiram. Procurarão mesmo «a política da mão estendida aos católicos» (Daujat). Hoje, na Rússia, por causa do turismo, há lá algumas igrejas ortodoxas, mas os que as frequentam são vigiados.

E a moral? «A nossa moral, diz Lenine, é o interesse da luta de classes; há que estar pronto a usar todos os estratagemas, a astúcia, os métodos ilegais, e decidido a calar, a esconder a verdade». Isto para eles não é falta de carácter. É a regra revolucionária.

E o amor? «Abaixo o amor do próximo. Do que precisamos é de ódio. Devemos aprender a odiar; é assim que chegaremos a conquistar o mundo», diz Lunatcharsky. Nem sequer amam o operário: servem-se dele, porque só ele é capaz da revolta. «O marxismo precisa do proletariado» (Daujat). Provocarão mesmo um estado de miséria ou queixa para depois actuarem. Odeiam as pequenas e médias empresas. Dizia Lenine: «Infelizmente há ainda no mundo enorme porção de pequenos produtores; é mil vezes mais fácil triunfar da grande burguesia centralizada do que vencer milhões e milhões de pequenas empresas».

Outras regras: procurarão que as multidões não pensem, que não sejam povo mas massa como dizem os nossos Bispos. Para isso farão muito barulho, farão «bourrage de crânes» através de ideias-força, frases feitas, slogans, que repetirão até entrarem como pregos nas cabeças. (Aliás todos os fascismos ou ditaduras fazem assim). Lenine aconselhava a «arte de fomentar os ziguezagues, as manobras de conciliação e de retirada, enfim, todos os manejos necessários para acelerar a conquista do poder político, último alvo a atingir». Agora entende-se porque é que os marxistas num sítio apolam a greve, noutra não; aqui apolam o Exército, ali não; num lugar querem exames, noutra rejeitam-nos. São os «ziguezagues», de Lenine.

Outras regras usadas em geral: falar alto para